

# A Biblioteca proposta por Rodrigo de Castro em “O Médico Político”<sup>1</sup>

## The Library Projected by Rodrigo de Castro in “O Médico Político”

ADELINO CARDOSO<sup>2</sup>

*Centro de História da Cultura, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal*

**Abstract:** Rodrigo de Castro's *O Médico Político* sketches the profile of the perfect doctor. Excellency consists, in this context, of a laborious exercise in which study plays a key role: the study of science, as well as the study of Classical letters and humanities. The medical library projected by Castro draws its coherence from the combination of science and history. Recommended authors are mainly Greek, Latin and Arabic Classical authors, and noteworthy relevance is also accorded to Iberian authors.

**Keywords:** Rodrigo de Castro; medical library; Classical authors; history.

### Arte médica e exigência intelectual

Como bem assinala Diego Gracia na apresentação da edição recente de *O Médico Político* de Rodrigo de Castro, o intento do autor “está en línea com el que décadas antes llevan a cabo Huarte de San Juan, Enrique Jorge Enriquez y Alonso de Miranda. Continuarán su labor Abraham Zacuto, Baglivi, Boerhaave y Hoffmann, entre otros”<sup>3</sup>. O que singulariza esta obra de Rodrigo de Castro, publicada em 1614, é a amplitude da sua temática, que versa sobre aquilo que hoje designamos como ética médica, mas também sobre o valor da medicina e seu lugar no panorama dos saberes, discussão de tópicos controversos, análise de casos difíceis. Trata-se de uma obra apologética da medicina (*a work of medical apologetics*), na expressão

---

<sup>1</sup> Texto recebido em 18.10.2012 e aceite em 20.11.2012.

<sup>2</sup> cardoso.adelino@gmail.com.

<sup>3</sup> Diego Gracia, “Rodrigo de Castro, *Medicus Politicus*”: Rodrigo de Castro, *O Médico Político*, tradução de Domingos Lucas Dias (Lisboa 2011) 13. Esta edição será referida doravante como *Médico Político* e página respetiva.

justa de Guido Giglioni<sup>4</sup>, ao mesmo tempo que uma obra de denúncia de atitudes e procedimentos inaceitáveis.

A formação do médico, na sua dupla aceção de formação inicial e formação contínua, é objeto de especial atenção da parte de Rodrigo de Castro. A formação inicial, à qual é dedicado o capítulo I do livro II, “Ciências necessárias ao médico”, deve ser exigente, abarcando o conjunto dos saberes disponíveis. Todavia, o autor distingue entre saberes triviais, que têm a sua utilidade, e saberes indispensáveis ao bom médico: línguas, retórica, dialética, anatomia, filosofia natural e filosofia moral. Dentre as línguas, o foco vai para as línguas clássicas, o latim e especialmente o grego: “Mas absolutamente necessário é o conhecimento das línguas, pois um médico não pode ignorar a língua latina sem vergonha nem, sem vergonha e sem prejuízo para a sua arte, pode ignorar a língua grega”<sup>5</sup>. A retórica é muito importante para influenciar a disposição íntima dos doentes, colocando-os do lado do médico contra a doença, por forma que “a força da persuasão seja muito válida na recuperação da saúde”<sup>6</sup>. Por seu lado, a dialética responde à exigência de prova e fundamentação, não bastando que o médico se apoie numa opinião verdadeira, mas fale “com conhecimento de causa”. O estudo anatómico dá a conhecer “a admirável estrutura e a natureza do homem”, a filosofia natural “fornece à medicina os seus princípios” e a filosofia moral “acalma as perturbações do espírito, que são causas muito nocivas da corrupção da saúde, perturbando os humores e os espíritos, alterando o corpo e destruindo as forças”<sup>7</sup>.

A exigência intelectual é um dos critérios que permite distinguir o verdadeiro do falso médico. O verdadeiro médico procede metódica e racionalmente, reivindicando o conhecimento da natureza, no qual se inclui o conhecimento “das coisas naturais, das não-naturais e das preternaturais”<sup>8</sup>,

---

<sup>4</sup> Guido Giglioni, “Reality and metaphors in the language of Renaissance Medicine: the case of Rodrigo de Castro”: Palmira Fontes da Costa e Adelino Cardoso, *Percursos na história do livro médico (1450-1800)* (Lisboa 2011) 47.

<sup>5</sup> *Médico Político*, II, I, 82.

<sup>6</sup> *Ibid.*

<sup>7</sup> *Médico Político*, II, I, 84.

<sup>8</sup> *Médico Político*, I, II, 31.

ao passo que o falso médico não estuda as diferentes doenças, ignora a natureza e procede “ao acaso e fortuitamente”<sup>9</sup>. Por conseguinte, o cultivo da verdade e o estudo fazem parte do *ethos* médico, que deve conhecer cada uma das doenças, o seu curso habitual e a terapia adequada, tendo em atenção a singularidade do doente. Como bem adverte o nosso médico-filósofo, a interrupção dos estudos não significa uma paragem, mas um retrocesso na ciência e no exercício da arte médica: “os estudos interrompidos retrocedem, qual embarcação que é empurrada para trás pelo vento e não como aquele que, parado a meio do caminho, não avança”<sup>10</sup>.

A leitura é um exercício habitual do bom médico, que frequenta os grandes autores da mesma maneira que procuramos a companhia dos verdadeiros amigos. As obras mais significativas apelam à sua releitura e à memorização.

Os autores médicos, mas também as grandes figuras da filosofia e da cultura clássicas, são uma presença constante em *O Médico Político*. Por seu lado, a Bíblia e mais precisamente o Antigo Testamento tem uma função orientadora na obra, já que a saúde e a doença são instrumentos da providência divina, que é guiada por uma ciência mais elevada do que aquela que o homem laboriosamente constrói.

#### **A biblioteca médica**

A prática regular da leitura deve ser metodicamente conduzida para que dela se possa tirar o máximo proveito. Desde logo, o médico deve fazer uma seleção de autores e obras, de modo a não se entregar a “qualquer escritor”, mas àqueles “a quem o longo decurso do tempo aprovou”<sup>11</sup>. O critério fundamental é o classicismo: devem ler-se os autores e obras que resistiram à passagem do tempo e são recomendados pelos mais eminentes cultores da medicina.

---

<sup>9</sup> “E por causa disso, uma vez que não têm noção da eficácia do medicamento, nem da natureza da doença, nem da ocasião de o aplicar, nem de os combinar entre si, e tudo fazem ao acaso e fortuitamente e não com base na arte (...)”. (*Médico Político*, 231).

<sup>10</sup> *Médico Político*, II, VII, 110.

<sup>11</sup> *Médico Político*, II, IX, 111.

Numa primeira classificação, os bons autores são agrupados em três classes: “gregos, latinos e árabes”. Se bem que haja entre uns e outros uma linha de sucessão histórica, Rodrigo de Castro não vê nessa sucessividade algum modo de progressão, mas a continuidade de um mesmo saber, em contextos histórico-culturais diferentes. Aos gregos é reconhecido um lugar fundacional: “Destes, são os gregos que se consideram os pais de *toda a medicina* que entre nós se pratica, pois que a descobriram, desenvolveram, equiparam e de modo admirável enriqueceram”<sup>12</sup>. Hipócrates ocupa um lugar especial, já que ele “é tido por inventor e porta-bandeira” e, mais, “o grande Hipócrates é verdadeiramente o pai supremo de *toda a medicina*”. Daí que o seu nome figure à cabeça de uma lista que inclui “Platão, Aristóteles, Teofrasto, Dioscórides, Galeno, Areteu, Oribásio, Alexandre, Paulo de Trales e Aécio”<sup>13</sup>. A locução *toda a medicina*, que eu próprio sublinhei nas duas ocorrências em que ela surge no espaço de poucas linhas, é relevante, na medida em que ela indica claramente que os gregos e especialmente Hipócrates não se limitaram a fundar a medicina, mas fundaram “toda a medicina” e expressamente “toda a medicina que entre nós se pratica”. Aos vindouros incumbe a tarefa de desenvolver e aprofundar a medicina inaugurada pelos Gregos, mas não a de instaurar uma medicina nova. Não surpreende, pois, a ênfase colocada nos escritos galénicos, que serviam de base ao ensino médico europeu e designadamente na universidade de Salamanca, onde Castro se formou e de cujos mestres fala sempre com apreço. Galeno não é um inovador, mas “o mais seguro propagador e intérprete”, e bem assim “o mais benevolente guia nos segredos da medicina”<sup>14</sup>. O valor da obra de Galeno é principalmente didático, compensando o carácter excessivamente conciso dos escritos hipocráticos. O nosso autor sugere “a leitura constante” de Galeno, que deve ser tratado como familiar e não como um estranho. Algumas das suas obras emblemáticas devem mesmo ser memorizadas: os *Aforismos*, os *Prognósticos*, o *Livro das Epidemias* e *Doenças Graves*.

---

<sup>12</sup> *Médico Político*, II, IX, 111-112.

<sup>13</sup> *Médico Político*, II, IX, 112.

<sup>14</sup> *Médico Político*, II, IX, 112.

Os autores latinos são brevemente mencionados, com realce para Celso, “por causa da singular e sucinta doutrina, que lhe granjeou o nome de Hipócrates latino”<sup>15</sup>. Seguem-se os árabes, entre os quais se destacam “Avicena, Averróis, Rhasis, Avenzohar, Mesue e Serapião”, cujo estudo é “indispensável”. Castro assume um tom apologético na defesa da literatura médica árabe, devido à tendência que grassava em alguns círculos intelectuais, nomeadamente médicos, para os excluir, com base em preconceitos religiosos. Ora, “os verdadeiros filósofos e os médicos” são homens livres e tolerantes, que não confundem ciência e religião: “De facto, [os escritores árabes] não ensinam religião, mas medicina”<sup>16</sup>. A proibidade científica obriga a reconhecer a “excelente doutrina” e os “ótimos medicamentos” árabes, o que é tanto mais relevante quanto as suas escolas floresceram “num tempo adverso”, o do obscurantismo medieval. A este respeito, o nosso filósofo-médico critica veementemente Jean Fernel por “ignorar os seus nomes”, numa atitude sectária, que é indigna de um espírito altamente cultivado como o seu. No capítulo XI do livro II, Castro vai mais longe e critica “a absurda vaidade daqueles que menorizam conjuntamente todos os médicos árabes”<sup>17</sup>.

Depois de mencionar os clássicos mais respeitáveis da medicina, Castro procede a uma análise minuciosa dos escritos galénicos mais proveitosos<sup>18</sup>, nos quais “convém que o médico continuamente se exercite” e remata com “três breves advertências”: 1) que a obra galénica não está acima da crítica, devendo rejeitar-se as suas teses que foram posteriormente rebatidas “com argumentos sólidos por outro autor”, ou seja, a razão deve prevalecer sobre a autoridade; 2) a obra galénica não está isenta de contradições, em virtude da extensão da sua obra e do longo tempo durante o qual foi redigida, e “neste caso deve-se aprofundar sempre a afirmação

---

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> *Médico Político*, II, IX, 113.

<sup>17</sup> *Médico Político*, II, XI, 122.

<sup>18</sup> Da listagem, razoavelmente exaustiva, fazem parte: Aforismos, Constituição da Arte, Arte Médica, Uso das partes, Prognósticos, Epidemias, Doenças Graves, Crises, Diferenças e causas das doenças, Febres, Terapêutica, Matéria Médica, Obras sobre as propriedades dos simples.

melhor e mais verídica e a que se lê em mais passagens e mais conforme parece com a razão<sup>19</sup>; 3) a paixão da controvérsia e o prazer da refutação incitam Galeno a proferir invetivas injustas, que a probidade do leitor deve rejeitar.

Importa realçar que a lista dos clássicos apresentada não inclui nenhum médico medieval<sup>20</sup>, com a ressalva dos autores árabes já mencionados, nem renascentista. No entanto, Castro não se inibe de fazer uma seleção dos médicos mais relevantes do período renascentista e imediatamente subsequente, explicitando os critérios que presidiram à sua escolha: “ciência comprovada, engenho e destreza da escrita”<sup>21</sup>. De facto, sem atualização científica não se pode ser um verdadeiro médico. O que se deve procurar nos autores mais recentes não é a novidade da doutrina, já que a longa duração é por si um índice de verdade, pelo consenso que pressupõe, mas uma maior clarificação na explicação das causas, na terapia, na ordenação das matérias. Uma boa obra atual contribuirá certamente para elucidar aspetos obscuros ou menos sólidos da tradição hipocrático-galénica: “Assim sendo, além dos gregos, árabes e latinos que acima mencionámos, que convém tenham, como principais, o primeiro lugar, de tal forma que *sem eles não há médico nenhum*, convém no entanto recorrer aos mais recentes, *para uma melhor explicação daqueles*”<sup>22</sup> [itálicos meus].

Os autores e obras recomendados obedecem a uma organização temático-disciplinar, que subentende uma organização da biblioteca médica por matérias. Teríamos, assim, uma parte principal dessa biblioteca arrumada por autores e, seguidamente, uma biblioteca temática, distribuída pelas seguintes áreas: Anatomia, botânica, cirurgia, medicina geral, história natural, terapêutica, dietética, comentários, controvérsias.

A um olhar retrospectivo, há certamente falhas na biblioteca seleta que Castro propõe dos autores mais recentes, como seja a ausência de Fabricio

---

<sup>19</sup> *Médico Político*, II, IX, 115.

<sup>20</sup> A exclusão dos autores medievais não é absoluta: ao indicar a bibliografia fundamental das várias disciplinas médicas, Rodrigo de Castro não deixará de mencionar Pedro Hispano e Pietro d’Abano.

<sup>21</sup> *Médico Político*, II, IX, 115.

<sup>22</sup> *Médico Político*, II, IX, 115.

d'Aquapendente ou a de Garcia de Orta. Em todo o caso, os grandes autores nas diversas áreas estão lá: Andreas Vesálio, Realdo Colombo, Gabriel Falopio, Leonhart Fuchs, Jean Ruel, Carolo Clusius, Guido de Gauliac, Jean Fernel, Konrad Gesner, Antonio Musa Brasavola, Giovanni Baptista Montano, François Valleriola, Girolamo Mercuriale, entre outros. Castro revela ainda grande interesse pelos autores portugueses e espanhóis, nomeadamente: Amato Lusitano, Andrés Laguna, João Fragoso, Cristóvão da Veiga, Tomás Rodrigues da Veiga, Luis Mercato, Ambrósio Nunes, Francisco Valesio, Pedro Bravo, Manuel Brudo. Consciente do valor da sua própria obra, Castro recomenda a sua *De universa mulierum medicina*, que é, efetivamente uma obra de referência no quadro da história da ginecologia.

O médico deve ter um conhecimento exaustivo dos autores da sua especialidade, assumindo-os como seus “companheiros”. Mas o médico é também um homem de cultura, a quem fica bem ter as obras dos poetas maiores, “Homero, Virgílio e Lucrécio”, e dos historiadores antigos e modernos, que, todavia, assumirá como “estranhos”. Significativamente, o médico judeu coloca a história sagrada acima das obras da história profana: “(...) mas sobretudo a História Sagrada dos Reis e dos Macabeus”<sup>23</sup>.

Numa época em que as questões ético-políticas são objeto de interesse renovado, o autor de *O médico político* sugere que se confrontem os muitos escritos recentemente publicados sobre o tema, registando os tópicos comuns, que se repetem incessantemente num prontuário e, num outro, as sentenças próprias de cada autor. Desta forma, se poderá destrinçar os autores que apresentam alguma originalidade daqueles que se limitam a reproduzir pensamentos alheios.

Leitura, releitura, exercício de memória. Os livros e, por maioria de razão, as bibliotecas contêm um manancial inesgotável de ensinamentos, mas que não podemos transportar a nosso bel-prazer para onde nos apraz. A memória supre essa dificuldade, permitindo-nos mobilizar conhecimentos ao sabor do gosto e da necessidade. Daí que o capítulo de *O Médico Político* sobre a biblioteca conveniente para aquele que aspira ser um bom médico termine com cinco conselhos sobre o modo de exercitar a memória.

---

<sup>23</sup> *Médico Político*, II, IX, 118.

A biblioteca médica proposta por Rodrigo de Castro evidencia a indissociabilidade entre ciência médica e história da medicina, no quadro de uma longa duração que contrasta com a perspectiva hoje dominante, segundo a qual a história de uma ciência é a narrativa do triunfo da verdade contra os erros anteriormente vigentes, pressupondo que o tempo do saber se organiza de acordo com a polaridade antes / depois, enquanto momentos que mutuamente se excluem.

\*\*\*\*\*

**Resumo:** *O Médico Político* de Rodrigo de Castro desenha o perfil do médico perfeito. Ora, a excelência consiste num exercício laborioso, de que o estudo é parte intrínseca: o estudo da ciência, da mesma maneira que o estudo das letras clássicas e das humanidades. A biblioteca médica proposta por Castro tem a sua coerência na articulação entre a ciência e a sua história. Os autores recomendados são principalmente clássicos gregos, latinos e árabes, sendo ainda de registar o peso dos autores ibéricos.

**Palavras-chave:** Rodrigo de Castro; biblioteca médica; autores clássicos; história.

**Resumen:** *El Médico Político* de Rodrigo de Castro traza el perfil del médico perfecto. La excelencia consiste en un arduo ejercicio de cual el estudio es una parte intrínseca: el estudio de la ciencia de igual modo que el de las letras clásicas y las humanidades. La biblioteca médica propuesta por Castro guarda su coherencia en la articulación entre la ciencia y su historia. Los autores recomendados son principalmente clásicos griegos, latinos y árabes, pero también se debe registrar el peso de los autores ibéricos.

**Palabras clave:** Rodrigo de Castro; biblioteca médica; autores clásicos; historia.

**Résumé:** *Médecin Político* de Rodrigo de Castro trace le profil du médecin parfait. Or, atteindre l'excellence est un exercice ardu, dont l'étude fait partie intégrante: l'étude de la science, tout comme l'étude des lettres classiques et des humanités. La cohérence de la bibliothèque médicale proposée par Castro se trouve dans l'articulation entre la science et son histoire. Les auteurs recommandés sont principalement les classiques grecs, latins et arabes, mais les auteurs ibériques y trouvent également leur place.

**Mots-clé:** Rodrigo de Castro; bibliothèque médicale; auteurs classiques; histoire.